

JAIME FUENTES
Bispo de Minas (Uruguai)

Tudo por meio de Maria

A mediação de Maria na vida e pontificado
de João Paulo II



Editorial A. O.

Título original:

*Todo por medio de Maria –
Juan Pablo II y la mediación maternal de la Santísima Virgen*

© Mons. Jaime Fuentes

© Cobel Ediciones

Avda. Benito Pérez Galdós, 40, 4.º

03004 Alicante

www.cobelediciones.com

ISBN: 978-84-15024-52-1

Tradução:

Francisco de Sales Baptista, s.j.

Capa:

Virgílio Cunha

Paginação:

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos:

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

342354/12

ISBN

978-972-39-0757-5

Abril de 2012

Com todas as licenças necessárias

©
**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRÁGA

Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



APRESENTAÇÃO

João Paulo II, o Papa da «mediação materna» da Mãe do Redentor

SALVATORE PERRELLA, OSM
Professor de Teologia e Mariologia Sistemática
Pontifícia Faculdade Teológica «Marianum» (Roma)

Agradeço de todo o coração ao querido professor Jaime Fuentes, que me tenha pedido para apresentar ao grande público – e tenho honra em fazê-lo – o seu último trabalho intitulado *Tudo por meio de Maria – A mediação de Maria na vida e pontificado de João Paulo II*. O título sintetiza bem o «credo mariano» do grande Pontífice, um credo sempre mantido e ancorado no fundamento da fé cristã: o acolhimento, a adoração, o primado, o serviço e o testemunho do Deus trinitário de Cristo, do qual brotam e dependem todas as restantes verdades da fé (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 198-1065), verdades também eclesiais que dão identidade, forma e sentido ao nosso ser «católicos sem fronteiras»¹. Da Palavra da fé (cf. *Rom* 10, 8) e da história da Igreja, aparece um dado indubitável: *a Mãe de Jesus é parte constitutiva do ADN do Cristianismo*², porque por divina disposição Ela foi colocada no coração do mistério do Filho de Deus, nela encarnado por obra do

¹ Cf. G. O'COLLINS – M. FARRUGIA, *Cattolicesimo. Storia e dottrina*. Brescia: Queriniana, 2006.

² É o que mostra com grande perícia bíblica o conhecido exegeta italiano R. PENNA, *Il DNA del cristianesimo. L'Identità cristiana allo stato nascente*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004, pp. 147-153.

Espírito Santo e por vontade do Pai, em vista da nossa adoção como filhos a partir da «plenitude dos tempos» (*Gal* 4, 4). A esta Grande Mãe de Deus, o Papa João Paulo II (1978-2005) se entregou a si mesmo no serviço a Cristo sacerdote e mediador salvífico universal, confiando-lhe ao mesmo tempo todas as gerações de cristãos e de homens e mulheres de «boa vontade». A minha tarefa será apresentar este filial, cordial e douto serviço a Santa Maria, proposto durante quase três décadas por este grande Servo de Deus que foi o Papa Wojtyła³.

Um ministério vasto e universal

João Paulo II, no século Karol Wojtyła, nasceu a 18 de Maio de 1920, em Wadowice, Polónia. Já cardeal arcebispo de Cracóvia, foi eleito Bispo de Roma (Papa), a 16 de Outubro de 1978, na jovem idade de 58 anos. Depois de um dinâmico e difícil pontificado, vivido em pleno serviço de Cristo, da Igreja e da humanidade, voltou à casa do Pai na noite de 2 de Abril de 2005, chorado por uma enorme multidão⁴. Nos seus mais de vinte e seis anos de serviço papal, nunca deixou de se unir e de se inspirar, no seu magistério, nos ensinamentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)⁵, no qual participara como protagonista apaixonado e que ele considerava «um marco miliar na história bimilenar da Igreja»⁶. Nos últimos anos da sua vida, João Paulo II, já sofrente, levou a cabo

³ Apresentei com maior extensão este serviço de amor: S. M. PERRELLA, *Ecco tua Madre (Gv 19, 25-27). La Madre di Gesù nel magistero di Giovanni Paolo II e nell'oggi della Chiesa e del mondo*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2007.

⁴ Cf. AA.VV., «Il pontificato di Giovanni Paolo II». *Storia del cristianesimo 1875-2005*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2006.

⁵ Cf. J. GROOTAERS, «Il Concilio, sfida del pontificato di Giovanni Paolo II», em AA.VV., *Storia della Chiesa*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1991, vol. XXV/2, pp. 69-689.

⁶ GIOVANNI PAOLO II, «Fedeltà al Concilio», primeira radiomensagem *Urbi et orbi* em *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, LEV, Vaticano 1979, vol. I, p. 14.

um programa de trabalho verdadeiramente gigantesco, quando se esperava que descansaria um pouco, ou que seria o outono do seu magistério, depois de um serviço pontifical riquíssimo... Foram anos marcados pela Cruz, portadora de uma imperiosa chamada à santidade, vivida em «alto grau» de vida cristã quotidiana, sempre sob o olhar materno da Mãe do Redentor. Os riquíssimos ensinamentos de João Paulo II tiveram, como fulcro central, incentivar as gerações do tempo pós-moderno e pós-secular⁷ a abrir-se a Cristo e soltar com Ele as amarras em todas as viagens pelo mundo, em todos os quadrantes da sociedade, em todas as circunstâncias e em cada uma das nossas tarefas. Ninguém ignora ou subavalia os contínuos desafios e apelos feitos pelo Papa Wojtyła para pôr a vida do homem – a espécie mais ameaçada ou esquecida – no centro de um humanismo sem fronteiras e concretamente solidário. Nem ignora a sua coragem para levar a Igreja a reconhecer as culpas do passado, assim como o exemplo que ele próprio deu a favor de uma *purificação da memória*⁸, numa época de incongruentes revisionismos históricos, na plena e convicta consciência de que a purificação da memória produz os frutos do Espírito – «amor, alegria, paz, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si» (*Gal 5, 22*) – dons todos eles úteis para o homem e a mulher de

⁷ Sobre os acontecimentos, pensamento controverso e praxis deste *tempo claro-oscuro*, em que Deus aparece e desaparece, e dos seus valores na consciência e vida dos homens, cf. F. GENTILONI, *La Chiesa post-moderna. Verità e consolazione*. Roma: Donzelli, 1998; H. WERWEYEN, *La teologia nel segno della ragione debole*. Brescia: Queriniana, 2001; G. CHIURAZZI, *Il post-moderno*. Milán: Mondadori, 2002; G. REALE, *Valori dimenticati dell Occidente*. Milán: Bompiani, 2004; B. FORTE, *Inquietudini della Trascendenza*. Brescia: Morcelliana, 2005; C. DOTOLO, *Un cristianesimo possibile. Tra modernità e ricerca religiosa*. Brescia: Queriniana, 2007.

⁸ Cf. L. ACCATOLI, *Quando il Papa chiede perdono. Tutti i mea culpa di Giovanni Paolo II*. Milán: Mondadori, 1997; COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Memoria y Reconciliación: La Iglesia y las culpas del pasado*. Presentación de Bruno Forte. Milán: Paoline, 2000.

hoje. Durante estes anos, João Paulo II proclamou incansavelmente, a todos os homens de boa vontade, especialmente aos cristãos, o fascínio, o empenho e a *rentabilidade* antropológica e religiosa do *Evangelium vitae*, que é Cristo⁹.

Durante mais de vinte e seis anos de pontificado carismático (de 16 de Outubro de 1978 a 2 de Abril de 2005)¹⁰, o Papa Wojtyła, a partir de 4 de Março de 1979, dia da promulgação da primeira encíclica (*Redemptor hominis*), até 7 de Outubro de 2004, dia da publicação da última carta apostólica (*Mane nobiscum Domine*), escreveu 14 cartas encíclicas, que são uma expressão viva e autorizada da extraordinária fecundidade do seu pensamento e do seu intenso magistério: três encíclicas trinitárias (*Redemptor hominis*, *Dives in misericordia*, *Dominum et vivificantem*); três encíclicas sociais (*Laborem exercens*, *Sollicitudo rei socialis*, *Centesimus annus*); três encíclicas eclesiológicas (*Slavorum apostoli*, *Redemptoris missio*, *Ut unum sint*); três encíclicas antropológicas (*Veritatis splendor*, *Evangelium vitae*, *Fides et ratio*); duas encíclicas que, por vários motivos, bem podem considerar-se ‘expressivas’ deste pontificado e constituem como que uma coroação do seu cuidado *ensino autêntico*: *Redemptoris Mater*, *Ecclesia de Eucharistia*¹¹.

Também se têm de mencionar oito exortações apostólicas de natureza doutrinal e pastoral (*Catechesi tradendae*, *Familiaris consortio*, *Reconciliatio et paenitentia*, *Christifideles laici*, *Redemptoris custos*, *Pastores dabo vobis*, *Vita consecrata*, *Pastores gregis*); cinco exortações post-sinodais, na sequência dos Sínodos continentais de bispos

⁹ Cf. P. CARLOTTI, *Teologia morale e magistero. Documenti pontifici*. Roma: LAS, 1997.

¹⁰ Cf. A. RICCARDI, *Governo carismatico. 25 anni di pontificato*. Milán: Mondadori, 2003; A. SCOLA, *L'esperienza elementare. La vena profonda del magistero di Giovanni Paolo II*. Genova: Marietti, 2003; D. DEL RIO, *Karol il Grande – Storia di Giovanni Paolo II*. Milan: Paoline, 2003.

¹¹ AA.VV., *Giovanni Paolo II teólogo. Nel segno delle encicliche*. Milán: Mondadori, 2003.

(*Ecclesia in Africa, Ecclesia in Asia, Ecclesia in Oceania, Ecclesia in Europa*); seis cartas apostólicas de certa relevância (*Salvifici doloris; Mulieris dignitatem; Ordinatio sacerdotalis; Orientale lumen; Dies Domini; O rápido desenvolvimento*, último documento assinado pelo Papa, poucos dias antes de morrer); seis cartas a diversas classes de pessoas (*Carta às crianças, aos jovens e às jovens de todo o mundo* - aos jovens o Papa enviou 19 Mensagens por ocasião das Jornadas Mundiais da Juventude¹²; *Carta aos idosos, Carta às mulheres, Carta às famílias, Carta aos artistas*); cinco cartas apostólicas de preparação para o novo milénio da era cristã (*Tertio millennio adveniente, Incarnationis mysterium, Novo millennio ineunte, Rosarium Virginis Mariae, Mane nobiscum Domine*)¹³.

Não pudemos, evidentemente, mencionar todos os documentos de tão fecundo magistério: baste pensar que o Papa Wojtyła publicou, além das 14 encíclicas e das 24 exortações e cartas citadas, 11 constituições apostólicas, 42 cartas e 28 *motu próprio*, sem contar centenas de outras mensagens, alocações, e as catequeses das quartas-feiras nas audiências gerais, assim como as inumeráveis homilias feitas por todo o mundo, nas festas litúrgicas e visitas pastorais. Karol Wojtyła também escreveu como Papa cinco livros: *Atravessar o limiar da esperança* (1994); *Dom e mistério* (1996); *Tríptico Romano* (poesias); *Levantai-vos, vamos!* (2004); *Memória e identidade* (2005).

Tanto nos escritos de magistério como noutras intervenções, João Paulo II expôs vigorosamente algumas preocupações dominantes, como por exemplo na carta *Tertio millennio adveniente*: a urgência do tempo que se faz breve; a disponibilidade em pedir perdão a Deus; o escândalo da divisão entre crentes; o contra-testemunho dos cristãos para a justiça e paz no mundo; os mártires actuais e uma for-

¹² Cf. GIOVANNI PAOLO II, *Cari giovani aprite bene gli occhi! – Tutti i Messaggi, 1986-2005*. Nápoles: Chirico, 2005.

¹³ Cf. AA.VV. *Prendere il largo con Cristo – Esortazioni e Lettere di Giovanni Paolo II*. Siena: Cantagalli, 2005.

te nostalgia do primeiro milénio; o tempo da perfeita *koinonia* entre os discípulos do único Senhor Jesus. Traçar um quadro que resuma o pensamento e a figura espiritual do Papa Wojtyła é particularmente difícil, dada a multiplicidade e complexidade das componentes que entram em jogo: foi um *filósofo*, um *teólogo*, um *poeta*, um *sacerdote*, um *homem* verdadeiramente singular e poliédrico – um verdadeiro «peregrino do Absoluto»¹⁴.

Um pontificado sob o olhar de Maria

No escudo episcopal e pontifício de João Paulo II campeia uma *Cruz*, evidente referência a Cristo crucificado, e a letra *M* inicial do nome de Maria de Nazaré, a Mãe virginal e a Discípula fiel do Senhor Jesus. O lema *Totus tuus* marca a confiança total do grande Pontífice na Mãe do Senhor.

O pontificado de Karol Wojtyła foi marcado por uma forte conotação mariana: a 25 de Março de 1983, durante a celebração do Ano Jubilar da Redenção, o Pontífice, em comunhão com todos os bispos, renovava a entrega do mundo ao Coração Imaculado de Maria, segundo uma indicação da Santíssima Virgem na Cova da Iria (Fátima), entrega que repetiu solenemente durante o Grande Jubileu do ano 2000¹⁵. A 25 de Março de 1987, ao finalizar a encíclica *Redemptoris Mater*, estabelecia a celebração de um Ano Mariano (7 de Junho de 1987 até 15 de Agosto de 1988), como preparação, celebrando a Mãe, do bimilenário do nascimento do Filho de Deus, a celebrar no ano 2000.

¹⁴ Cf. G. REALE, *Karol Wojtyła, un peregrino dell'Assoluto*. Milán: Bompiani, 2005.

¹⁵ Cf. S. M. PERRELLA, «Accogliere Maria “dono” e “testimone” del mistero di Cristo. Antico e nuovo in tema di consecrazione mariana», em *Miles Immaculatae* 37 (2001), 165-185.

Além disso, o ensino deste grande Servo de Deus exprime, clara e vigorosamente, a convicção de que na Mãe do Redentor e na própria mariologia – como observou agudamente o cardeal Joseph Ratzinger, seu colaborador e amigo – «se encontram todos os grandes temas da fé»¹⁶. A encíclica *Redemptoris Mater*, de 25 de Março de 1987, é sem dúvida o documento mais importante do magistério mariano de João Paulo II. Com ela, deu um significativo contributo para a doutrina mariana da Igreja Católica, sobretudo no que se refere ao caminho da fé de Maria, à sua mediação materna, à específica dimensão mariana da espiritualidade cristã, à maternidade espiritual de Maria em relação à Igreja e a cada cristão em particular, à natureza da presença de Maria na vida da Igreja e das Igrejas cristãs¹⁷.

A reflexão sobre a Mãe de Jesus levou muitas vezes João Paulo II a enfrentar a «condição feminina» no mundo e na Igreja, sobretudo na carta apostólica *Mulieris dignitatem* (15 de Agosto de 1988) sobre a dignidade e a vocação da mulher, colocando-a neste tempo cultural de integração entre o feminino e o masculino («unidade na diferença e na reciprocidade»). Mediante a proposta da antropologia bíblica e a referência à pessoa/figura de Maria de Nazaré – geralmente deixada de lado ou banalizada – que desvenda de maneira eminente e peculiar, às mulheres, a sua dignidade e a sua vocação, o Papa João Paulo II contribuiu autorizadamente para esclarecer o tema, animando os homens a reconhecerem com gratidão o peculiar «génio feminino», marginalizado e não reconhecido por hábitos e padrões culturais e religiosos de muitos séculos, que não estão de acordo com o desígnio de Deus em Cristo¹⁸.

¹⁶ J. RATZINGER, «Le 14 encicliche di Giovanni Paolo II», em *Communio* 32 (2003), nn. 190-191, p. 9.

¹⁷ Cf. JUAN PABLO II, *Redemptoris Mater*, em *Enchiridion Vaticanum*, vol. 10, nn. 1272-1421. A revista *Marianum* dos anos 1988 e 1989 dedicou à encíclica diversos estudos de carácter interdisciplinar; e também a revista *Estudios Marianos* de 1989.

¹⁸ Cf. JUAN PABLO II, «*Mulieris dignitatem*», em *Enchiridion Vaticanum*, vol. 11, nn. 1206-1345; A. SERRA, «La “*Mulieris dignitatem*” – Consensi

Não se pode esquecer o *Catecismo da Igreja Católica*, nascido por petição do Sínodo dos Bispos em 1985 e promulgado em 1992 e publicado, em edição típica latina, em 1997, por mandato de João Paulo II¹⁹. Neste importante instrumento de formação e informação da fé católica, a pessoa, o papel, o significado e as relações que se dão entre Maria, a Trindade, Jesus Cristo, o Espírito, a Igreja e seus membros são apresentados nas quatro partes em que está estruturado este compêndio da fé: a profissão de fé baptismal; os sacramentos da fé no mistério pascal de Cristo; a vida de fé; a oração do crente. Não é banal a expressão segundo a qual «o que a fé católica crê acerca de Maria funda-se no que crê acerca de Cristo, mas o que ensina sobre Maria ilumina por sua vez a fé em Cristo» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 487).

De 6 de Setembro de 1985 até 13 de Novembro de 1997, nas audiências gerais das quartas-feiras, João Paulo II foi fazendo, aos fiéis presentes, 70 catequeses marianas, que constituem um precioso manual para quem deseje conhecer melhor a Mãe do Senhor *e para quem tenha sido chamado, por dever pastoral e exigência de coração, a exercer com competência essa missão. Nenhum Papa dedicou tanto tempo à catequese mariana. Além das grandes encíclicas, entre as quais se destaca a Redemptoris Mater*, e todos os seus documentos, em que quase sempre termina com uma oração especial a Maria, nestas audiências, João Paulo II expôs uma completa e orgânica catequese mariana, que poderia classificar-se como «vida de Maria», entretecida de sugestivos dados do Evangelho e da multi-secular doutrina e piedade eclesial, a ser meditada pelos fiéis do nosso tempo²⁰.

Praticante de genuínas devoções da piedade popular, o Papa Wojtyła manteve vivas as piedosas práticas do *Angelus*, do *Akatistos* e

e dissensi», em *Marianum* 53 (1991), 144-182; C. MILITELLO, *Donna in questione – Un itinerario ecclesiale di ricerca*. Asis: Cittadella, 1992.

¹⁹ Cf. AA.VV., *Maria nel Catechismo della Chiesa Cattolica*. Roma: Centro di Cultura Mariana «Madre della Chiesa», 1993.

²⁰ Cf. *La Catechesi Mariana di Giovanni Paolo II*. Ciudad del Vaticano: LEV, 1988.

do Rosário²¹. Na carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (16 de Outubro de 2002), exortou os fiéis a retomar fervorosamente a sua recitação e enriqueceu o número dos mistérios evangélicos nele contemplados com outros cinco, denominados *Mistérios da luz*²², referentes à vida pública de Jesus.

Na encíclica de Quinta-Feira Santa de 2003, *Ecclesia de Eucharistia*, o Papa dedicou o capítulo VI – Na escola de Maria – a «Maria, mulher eucarística». A predilecção pelo tema eucarístico levou o Santo Padre à publicação da carta apostólica *Mane nobiscum Domine*, de 17 de Outubro de 2004. Esta carta, intencional e explicitamente unida a outros documentos seus, retoma e aprofunda a relação entre a *Eucaristia e Maria*²³.

Na memorável visita que João Paulo II fez à Faculdade de Teologia Marianum (Roma, 10.XII.1988), apontava a «questão ecuménica» entre os temas iniludíveis, graves e delicados a enfrentar – lembremos a encíclica *Ut unum sint*, de 1995 e a carta apostólica *Oriente lumen*, de 1995²⁴ – como questão que «marca profundamente o caminho da Igreja do nosso tempo». «Neste sentido – advertia o Papa – as investigações, profundas nos seus conteúdos e respeitadas na exposição, deverão mostrar aos irmãos das Igrejas do Oriente e da Reforma que a doutrina católica sobre a Santíssima Virgem é, na sua essência, *veritas biblica, veritas antiqua* e, portanto, não pode ser motivo de divisão»²⁵. Esta convicção é plenamente compartilhada em muitos ambientes e por muitas pessoas da Reforma, como o testemunha cada vez mais o

²¹ Cf. CONGREGACIÓN PARA EL CULTO DIVINO Y LA DISCIPLINA DE LOS SACRAMENTOS, *Directorio sobre la piedad popular y la liturgia*. Ciudad del Vaticano 2002: «La veneración de la Santa Madre del Señor».

²² Cf. AA.VV., *Riflessioni sulla lettera apostolica «Rosarium Virginis Mariae»*, *Quaderni de L'Osservatore Romano*, n. 64. Ciudad del Vaticano: LEV, 2003.

²³ Cf. S. DE FIORES, *Maria, donna eucaristica – Un commento al capitolo VI dell'enciclica 'Ecclesia de Eucharistia'*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2005.

²⁴ Cf. G. BRUNI, *Servizio di comunione – L'ecumenismo nel magistero di Giovanni Paolo II*. Magnano: Qiqajon, 1997.

²⁵ *Acta Apostolicae Sedis*, 81 (1989), 775.

nosso tempo, apesar de algumas resistências: os protestantes, graças também à *palingenesia mariológica* do catolicismo, voltaram a abrir o «dossier sobre Maria», acabando com o ocultamento mariológico, particularmente evidente e às vezes áspero, desde o século XVIII. Agora, também as Igrejas e as teologias das Igrejas discutem, estudam e buscam pontos de convergência sobre a Mãe de Jesus. Já não é vista como *mater divisionis* mas, como justamente afirma Santo Agostinho, *mater unitatis* (*Sermão* 192, 2)²⁶.

Não podemos deixar de recordar as persistentes e numerosíssimas referências à Mãe de Jesus, disseminadas nas múltiplas intervenções e documentos magisteriais que João Paulo II publicou em 25 anos de serviço pontifical; nem as inumeráveis *homilias ou meditações* pronunciadas em Santuários conhecidos ou menos conhecidos da Itália e do mundo inteiro e nas suas numerosas viagens por toda a parte. No seu serviço pontifical, João Paulo II *consagrou, confiou* – como o fizera de si mesmo, na linha da experiência espiritual de S. Luís Maria Grignon de Montfort e de S. Maximiliano Kolbe²⁷ – a Igreja inteira à ternura e à condição exemplar e celestial da Mãe do Redentor e da Igreja, sublinhando o *aspecto martirial*: seguindo a Cristo, a «testemunha fiel» (*Apoc* 1, 5), o devoto de Maria deve chegar a ser, cada vez mais, exemplo de testemunha coerente de Cristo, Senhor

²⁶ Cf. G. BRUNI, «Maria e la mariologia – Questioni ecumeniche», em AA.VV., *Prospettive attuali di mariologia*. Roma: Montfortane, 2001, pp. 67-83; M. HAUKE, *Introduzione alla Mariologia*. Lugano: Eupress FTL, 2008, pp. 293-302: «Maria, Mater unitatis».

²⁷ É significativo que João Paulo II, na *Redemptoris Mater*, na qual trata explicitamente da espiritualidade mariana (cf. n. 48), nunca use a expressão «consagração a Maria». Sublinha-o também a formosa carta da Pontifícia Academia Mariana Internacional (PAMI): «Nos nossos dias, o conceito de consagração à Santíssima Virgem tem sido frequentemente objecto de análise e de reflexões ainda em curso. Neste sentido, nota-se nos textos magisteriais de João Paulo II um uso menor do termo consagração, preferindo o de confiar-se» (PONTIFIZIA ACADEMIA MARIANA INTERNAZIONALE, *La Madre del Signore – Memoria, Presenza, Speranza*. Ciudad del Vaticano, PAMI, 2000, n. 56, p. 88).

e Salvador (cf. *Mt* 10, 18.32 - 33; *Lc* 21, 12-19), em ordem ao Reino do Pai. O ensino mariano e mariológico do Papa Wojtyła teve a dupla finalidade de fazer conhecer e amar, em comunhão com a grande tradição eclesial, às gerações dos nossos dias, o Filho por meio da Mãe e a Mãe através do Filho, estando bem consciente de que o povo cristão tem o direito e o dever de conhecer o que a Igreja ensina acerca da *pessoa*, do *papel* e do *significado* da Mãe de Jesus em relação com a fé e a vida de fé²⁸. Este ensino – observou Bento XVI numa entrevista transmitida na Polónia, em 16 de Outubro de 2005 – «representa um património riquíssimo que ainda não foi suficientemente assimilado na Igreja. Considero que é minha missão, essencial e pessoal, não emanar muitos novos documentos, mas buscar o modo de estes serem assimilados, porque são um tesouro riquíssimo, são a interpretação autêntica do Vaticano II».

Nos anos do pontificado de João Paulo II, tanto o seu magistério na Igreja como a teologia voltaram a motivar e a renovar de maneira convincente a mariologia, actualizando um modo de proceder em consonância com a sede hoje sentida de apreciar a beleza e a verdade do Mistério²⁹. Este modo de proceder, que é «antigo» e «novo», permite tomar o santo e humano ícone da Mãe de Jesus tal como a divina Revelação a *predestinou*, a *fez* e a *mostrou* no relato da Sagrada Escritura³⁰. É um empreendimento que continua, que apaixona, que impele para mais além das oscilações do tempo e dos homens. Não se pode esquecer que Santa Maria está presente desde os começos

²⁸ Sobre os conteúdos teológicos de tão importante e vasto magistério, alarguei-me em S. M. PERRELLA, *La Madre di Gesù nella coscienza ecclesiale contemporanea – Saggi di teologia*. Ciudad del Vaticano: PAMI, 2005, pp. 179-296.

²⁹ Veja-se a excelente panorâmica proposta por A. AMATO, «Maria nell'ensegnamento del magistero del Concilio Vaticano II a oggi», em AA.VV., *Fons lucis – Miscellanea di studi in onore di Ermanno M. Toniolo*. Roma: Marianum, 2004, pp. 437-472.

³⁰ Cf. AA.VV., «Maria secondo le Scritture», em *Theotokos* 8 (2000), 377-905; AA.VV., «Maria di Nazaret nella Bibbia», em *Dizionario di Spiritualità Biblico-Patristica*, 40 (2005), 7-395.

do *facto cristão*. Mais ainda, pela sua pessoa, pelo seu papel e pelo seu significado para a fé e para a vida de fé, chegou gradualmente a ser parte indelével do *facto* eclesial, como o demonstra a história bimilenária do Cristianismo, lida e interpretada à luz da importante vertente da cultura³¹. Vertente que, como afirma Stefano Di Fiore:

«Conduz a vislumbrar a Mãe de Jesus, não só no dogma e no culto da Igreja, num contexto claramente histórico-salvífico e cristológico, mas mais ainda, na *dinâmica cultural* das distintas épocas, como elemento significativo, embora ainda pouco estudado pelos historiadores. Maria aparece em cada época como uma figura indispensável que conquista progressivamente o tempo, o espaço, pessoas e instituições, e chega a ser, nas variantes de cada universo simbólico, uma pessoa representativa, fragmento e simultaneamente síntese em que se reflecte toda a fé da Igreja, da sociedade, numa palavra, de cada cultura»³².

Credo, liturgia, piedade popular, teologia, praxis pastoral, ecumenismo, inter-religiosidade, culturas, etc., são os lugares através dos quais a Mãe do Senhor entrou na consciência eclesial de ontem, de hoje e de sempre³³. Hoje, a mariologia está cada vez mais fortemente entrelaçada com as outras formas de pensamento e de proposta da fé, na Igreja e no Mundo. Ligada a um experimentado estatuto histórico-salvífico e hermenêutico, a mariologia será dinâmica e criativamente fiel, tanto ao irrecusável e axiológico primado

³¹ Cf. S. DE FIORES, *Maria sintesi di valori – Storia culturale della mariologia*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2005, pp. 15-38.

³² *Ibid.*, p. 18.

³³ Cf. I. M. CALABUIG, «Il culto alla Beata Vergine: fundamenti teologici e collocazione nell'ambito del culto cristiano», em AA.VV., *Aspetti della presenza di Maria nella Chiesa in cammino verso il Duemile*. Roma: Marianum, 1989, pp. 190-257; AA.VV., «Mariologia e devozione mariana», em *Credere oggi* 24 (2004), n. 4, pp. 3-144; F. SCANZIANIK, «Da *Lumen gentium* VIII ad oggi – Il trattato di Mariologia», em *La Scuola Cattolica* 132 (2004), 75-122; S. M. PERRELLA, «Quella inconsueta beleza che si chiama Maria – Il contributo di Giovanni Paolo II», em *Theotokos* 13 (2005), 275-401.

do acontecimento Palavra-Cristo como ao variegado e por vezes divagante humor da cultura humana em que está inserida. Não indo atrás de modas passageiras, mas pondo-se a caminho e ao serviço da unidade dos discípulos de Cristo e dos homens e mulheres do nosso difícil tempo pós-metafísico, pós-moderno, pós-cristão, pós-secular, frequentemente atormentado por abissais carências existenciais de valores humanos e religiosos, mas necessitado de as saciar sem mais se arriscar a «esperar no trágico»³⁴, para reencontrar o gosto de acolher pascalmente o perene desafio da fé³⁵.

O terceiro milénio, que está a começar, precisa de entrar no cone de luz da sala nupcial de Caná da Galileia, onde Cristo deu início ao primeiro e prototípico dos sinais do Reino, manifestou a sua glória e creram n'Ele (cf. *Jó 2*, 1-12)³⁶.

Aí a humanidade de hoje – escreve um Autor – «poderá encontrar a inspiração profética para satisfazer as suas carências de festa, de memória, de profecia, de dom, de beleza, de silêncio. Depois das hídrias frias, mais ainda, geladas da secularização levada ao extremo, faz falta que as talhas se encham do vinho da era messiânica que Jesus trouxe com o seu Natal (profecia sacrificial da Cruz) e com a sua Páscoa, milagroso florescimento da árvore da Cruz plantada desde o Natal naquela 'terra imaculada' que é a existência de Maria. No terceiro milénio, deve apresentar-se o mistério de Caná que celebra o mistério do vinho eucarístico, do vinho da gratidão da criatura e do entusiasmo filial. No século que despontou, não basta propor apenas a ética, mesmo que esteja provida de ascética rigorosa; é preciso oferecer aos homens e mulheres do novo milénio o vinho de Caná, que dá a quem o bebe

³⁴ Cf. R. BODEI, *La filosofia del Novecento*. Roma: Donzelli, 1997, pp. 22-25.

³⁵ Cf. S. DE FIORES, *Maria sintesi di valori – Storia culturale della mariologia*, cit., 377-548: «Maria nella cultura postmoderna (1989 – Inizio Terzo Milenio)»; S. M. PERRELLA, *Credo nel Dio di Gesù Cristo – La responsabilità del 'conoscere' la fede oggi*. Milán: ISU-Università Cattolica, 2007.

³⁶ Cf. A. SERRA, *Marie a Caná, Marie près de la Croix*. Paris: Cerf, 1983, pp. 9-96.

a sóbria embriaguez mística. É que o Cristianismo, como se atreveu a dizer K. Rahner, só misticamente poderá existir no futuro, que é o mesmo que dizer, só de forma *eucarística e mariana*³⁷.

Duas dimensões, formas ou estilos do viver e do testemunhar cristão fortemente propostas também pelo saudoso João Paulo II, no seu longo, apaixonado, sofredor e produtivo serviço na *cathedra romana*³⁸. A Mãe de Jesus é aquela que – como ele ensinou até ao fim, e como também Ela ensina em tantas aparições autênticas e verificadas pela Igreja³⁹ – continuamente mostra aos fiéis o *Oriente lumen*, Jesus, que surge cada dia na história para voltar a dar luz, amor, justiça, esperança, bondade e vida sem ocaso, enquanto se espera a sua glória. Às Igrejas e comunidades cristãs destes começos do terceiro milénio, João Paulo II mostrou-lhes a validade e actualidade da exortação celestial: «Não tenhas receio de tomar contigo Maria» (*Mt 1, 20*)⁴⁰.

Pessoalmente, na sua existência, Karol Wojtyła entrelaçou e viveu com Maria uma terna, filial e persistente relação, amando-a e recebendo-a como Mãe no seu próprio «espaço interior», memorial do dom pascal que Jesus fez a cada discípulo seu. No Calvário, Jesus disse a sua Mãe: «“Mulher, eis aí o teu filho”». Depois disse ao discípulo: “Eis aí a tua Mãe”. E desde aquele momento o discípulo a tomou consigo» (*Jo 19, 26-27*). *Testamentum Domini* que João Paulo II insistentemente recordou, aprofundou e transmitiu à Igreja durante os

³⁷ M. G. MASCIARELLI, *La Maestra – Lezioni mariane a Cana*. Ciudad del Vaticano: LEV, 2002, pp. 108-109.

³⁸ Cf. S. M. PERRELLA, *La Madre di Gesù nella coscienza ecclesiale contemporanea – Saggi di teologia*, cit., pp. 238-278.

³⁹ Cf. S. M. PERRELLA, *Le apparizioni mariane – «dono» per la fede e «sfida» per la ragione*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2007; M. GAMBA, *Le lacrime di Maria – Truffa o prodígio?*. Padova: Messagero, 2008.

⁴⁰ Cf. S. M. PERRELLA, «Non temere di prendere con te Maria» (*Matteo 1, 20*). *Maria e l'ecumenismo nel postmoderno. Dalla «Mater divisionis» alla «Mater unitatis»*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004, pp. 61-94.

longos anos do seu serviço pontifical. Na homília da Missa exequial de 8 de Abril de 2005, presidida pelo cardeal Joseph Ratzinger, decano do sacro colégio dos cardeais, o purpurado afirmou:

«O santo Padre encontrou o reflexo mais puro da misericórdia de Deus na Mãe de Deus. Ele, que tinha perdido na tenra idade a sua mamã, amou ainda mais desde então a Mãe divina. Sentiu como ditas para si, pessoalmente, as palavras do Senhor crucificado: «Eis aqui a tua Mãe!» E fez como o discípulo predilecto: acolheu-a no íntimo do seu ser (*eis tà idia: Jo 19, 27*) – *Totus tuus*. E da Mãe aprendeu a conformar-se com Cristo»⁴¹.

A conhecida passagem de *Jo 19, 25-27*, tão meditada e estudada⁴² por gerações inteiras de cristãos⁴³, também pode ser tomada como fundamento da *trajectória mariana* – como gostou de a definir o pró-

⁴¹ *L'Osservatore Romano*, 9.IV.2005.

⁴² Para uma leitura exegética e teológica, cf. I. DE LA POTTERIE, *Maria nel mistero dell'alleanza*. Genova: Marietti, 1988, pp. 227-251; A. SERRA, *Maria a Cana e presso la Croce – Saggio di mariologia giovannea*. Roma: Centro di Cultura Mariana «Madre della Chiesa», 1991, pp. 79-127; AA.VV., «La Madre di Gesù presso la Croce», em *Theotokos 7* (1999), pp. 319-611; R. INFANTE, *Lo sposo e la sposa – Percorsi di analisi simbólica tra Sacra Scrittura e cristianesimo delle origini*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004, pp. 141-150; A. VALENTINI, *Maria secondo le Scritture – Figlia di Sion e Madre del Signore*. Bologna: EDB, 2007, pp. 303-324.

⁴³ Na história da interpretação da passagem de *Jo 19, 25-27* passou-se de uma interpretação que via nas palavras de Jesus a preocupação filial pela Mãe, a quem deixava sem nenhum apoio, à interpretação místico-simbólica que evidencia a maternidade espiritual de Maria. Na primeira orientação, que prevalece na exegese patrística antiga, se confirma tanto a ideia da virgindade perpétua de Maria que, depois de Jesus, não teria tido outros filhos, como a de dar um exemplo moral válido para todos os crentes. A outra orientação, predominante a partir da exegese medieval mas já presente em Santo Ambrósio de Milão, vê em *Jo 19, 25-27* a proclamação da maternidade espiritual da Santíssima Virgem em relação a todos os futuros discípulos de Jesus (cf. E. M. TONIOLO, «Gv. 19, 25-27 nel pensiero dei Padri», em *Theotokos 7* (1999), 339-386.

prio João Paulo II no seu livro *Dom e mistério*⁴⁴ – que sempre uniu o discípulo de Jesus Karol Wojtyła com Maria, a Mãe do Redentor. Pela meditação deste grande mistério da salvação, se persuadiu João Paulo II e, com o seu intenso magistério, também a nós «nos convenceu de que Maria nos leva a Cristo» e que «também Cristo nos leva a sua Mãe»⁴⁵. No mesmo livro, falando da sua formação e experiência mariana, escreve o Papa Wojtyła: «Olhando para trás, verifico que ‘tudo está relacionado’: hoje como ontem *encontramo-nos com a mesma intensidade sob os raios do mesmo mistério*»⁴⁶. Acontecimento de confiança e de recíproco dar-se entre a *Mater Misericordiae*⁴⁷ e os discípulos do Senhor, tão frequentemente presente no ensino de João Paulo II.

O magistério de João Paulo II sobre Santa Maria e a sua grande capacidade de ser, para a Igreja e para cada crente, *consciência crítica e socio-libertadora* em ordem à evangélica Civilização do amor e da justiça⁴⁸; a sua poderosa e clemente mediação materna em

⁴⁴ GIOVANNI PAOLO II, *Dono e Mistero – nel 50° del mio sacerdozio*. Città del Vaticano: LEV, 1996, p. 40; JOÃO PAULO II, *Dom e mistério*. Lisboa: Paulinas, 1996 - p. 40.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 43.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 45.

⁴⁷ A misericórdia de Maria é participação da de Deus, da qual Ela é a principal beneficiária na sua conceição imaculada; graça de redenção e de salvação que a mesma Virgem insistentemente pede à Trindade para todos os seus filhos e filhas, expostos ao pecado, a perigos e fracassos e desejosos de acolhimento restaurador. É a bondade divina, da qual a Mãe de Cristo misericordioso nos leva a participar com a sua mediação materna; *munus maternitatis* (cf. *Lumen gentium* 60-62; *Redemptoris Mater* 38-50) que o magistério dos Santos Padres, dos Papas e dos Bispos ensina e a própria liturgia da Igreja celebra (cf. AA.VV., *Maria Madre di Misericordia – Mostra te esse Matrem*. Padova: Messagero, 2003).

⁴⁸ Esta dimensão socio-libertadora da Santíssima Virgem, da doutrina e da piedade marianas, assim como das próprias aparições – construtiva e profética dimensão tida bem em conta pelo magistério de João Paulo II – é fortemente sublinhada e estudada com grande perícia pelo teólogo e professor brasileiro, em lições no «Marianum» de Roma, C. BOFF, *Mariologia social – O significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo (Brasil): Paulus, 2006.

nosso favor, que se desenvolve *em* Cristo Mediador, *no* Espírito Paráclito, *em comunhão* com a Igreja, sacramento universal *na celestial companhia* de todos os santos do Céu e justos da terra⁴⁹ – é a finalidade principal do livro *Tudo por meio de Maria – A mediação de Maria na vida e pontificado de João Paulo II*, que Jaime Fuentes escreveu com genuína inteligência de amor, para que os leitores e leitoras assumam a sábia indicação que nos deixou como testamento João Paulo II: abri as portas da vossa existência a Cristo, Filho de Deus e filho do homem, abandonai-vos em filial confiança na Mãe do Senhor, que a Igreja do terceiro milénio mostra com alegria como *Boa Pastora*⁵⁰. *Qualquer buscador* de Deus destes tempos pós-modernos terá de deixar-se *tocar e trespassar* pela Graça, a única que torna concreta, fecunda e estável a formosa aventura da fé⁵¹.

⁴⁹ Cf. C. PÉREZ TORO, *La cooperación de Maria a la obra del Redentor en el «hoy» de la Iglesia*. Roma, 2005, pp. 347-568; S. DE FIORES, «Mediatrice», em IDEM, *Maria – Nuovissimo Dizionario*: Bologna, EDB, 2006, vol. II, pp. 1081-1141; S. M. PERRELLA, «Maria cooperatrice di salvezza nel Concilio Vaticano II e nella “Redemptoris Mater” di Giovanni Paolo II», em AA.VV., *In Cristo único Mediatore Maria cooperatrice di salvezza*. Roma: AMI, 2008, 101-162.

⁵⁰ Cf. B. AMATO, *La Vergine Maria «Buona Pastora»*. «L’Erma di Bretschneider», Roma 1992.

⁵¹ A leitura de um escrito de Joseph Ratzinger sobre a obra de Santo Agostinho, *O poder e a graça*, pode contribuir para eliminar um resíduo de erro semipelegiano que consiste na tentação de transformar o Cristianismo num moralismo e de concentrar tudo na acção moral do homem. É uma tentação forte e actual, «porque o homem se vê sobretudo a si mesmo. Deus permanece invisível, intocável e, por consequência, o homem apoia-se sobre a sua própria acção. Mas se Deus não actua, se Deus não é verdadeiro sujeito agente na história, que entra também na minha vida pessoal, então que quer dizer redenção? Que valor tem a nossa relação com Cristo e com Deus trino? Parece-me que reduzir o Cristianismo a um moralismo é uma grandíssima tentação também no nosso tempo... Parece que não há espaço para que Deus possa actuar na história humana e na minha vida. E então temos a ideia de que Deus já não pode entrar neste cosmos, feito e cerrado contra Ele. Que resta? A nossa acção... E se se pensa assim, o Cristianismo então morreu, a linguagem religiosa acaba por ser uma linguagem puramente simbólica» (J. RATZINGER, «Presentazione», em *30 Giorni* 23 (2005), 49-50. Sobre o

Esta foi a aventura histórica de Maria de Nazaré. É necessário, ao mesmo tempo, como Maria, buscar e buscar continuamente este grande dom da Graça que é Cristo; buscá-Lo por Ele e buscá-Lo para os outros: é este o constante magistério e a constante oração de Santa Maria, a *Inventrix gratiae*⁵², a verdadeira buscadora e dadora de Jesus Cristo, bom pastor das nossas almas. Ao professor Jaime Fuentes, o meu pessoal agradecimento por este belíssimo testemunho de amor e de serviço pastoral à Mãe do único Mediador e Salvador, Jesus Cristo.

magno tema da graça e da resposta do homem a ela, cf. E. MALNATI, *Antropologia teologica*. Casale Monferrato: Piemme, 2002, pp. 71-215; E. G. BRAMBILLA, *Antropologia teológica – Chi é l'uomo perchè tene curi?*. Brescia: Queriniana, 2005, pp. 413-475.

⁵² O termo latino *invenire* significa *encontrar*, mas implica também o sentido de uma *determinada busca*. Esta busca tem necessariamente uma finalidade de caridade: a caridade de Maria não busca o próprio interesse, mas o nosso. Esta radicalidade é a mesma radicalidade de Deus. A feliz e comprometida expressão *Inventrix gratiae*, que exprime a busca diária da Graça divina pela Santíssima Virgem, estreitamente relacionada com o tema da caridade, foi cunhada por S. Bernardo de Claraval, baseando-se na passagem de *Lc* 1, 30-31. A expressão permanece como uma das mais belas e inspiradas de S. Bernardo, um pioneiro da mariologia do século XII (cf. E. IABLCZYNSKI, «Maria nella gloria – Assunzione e mediazione di gracia in san Bernardo», em *Marianun* 54 (1992), 173-174.

INTRODUÇÃO

Apanhou-nos de surpresa. Apareceu de repente em cena no grande teatro do mundo e, como se conhecesse desde sempre o seu papel, começou logo a interpretá-lo com tanta convicção e entrega que se apoderou da obra a representar.

O êxito acompanhou-o desde as suas primeiras representações e teve de ir aos cenários de toda a Terra. Neles o viu, escutou e aplaudiu uma Babel de homens e mulheres que, ao despedir-se dele, sentia nas suas almas a frescura dum sopro de Deus.

Dizer que o seu papel foi difícil, é dizer pouco. Como qualificar a missão de representar a Jesus Cristo? E fazê-lo durante mais de 26 anos, dia após dia, nas mais diversas línguas, com sol ou chuva, sem distinção de públicos!...

Sim, o êxito acompanhou-o. Acompanhou-o como Àquele a quem tinha de personificar, que triunfou até no último acto da obra, destroçado até morrer.

Condições humanas de inteligência, memória, preparação intelectual, simpatia, isso a que chamamos «carisma», teve-as em abundância. Mas elas foram apenas o invólucro do mistério dum homem que, a 16 de Outubro de 1978, se apresentou ao mundo dizendo que vinha de «um país distante»...

Confessou, da varanda de S. Pedro, que sentiu medo ao saber a sua eleição, mas que a tinha aceitado «*com espírito de obediência e com uma confiança total em sua Mãe, a Virgem Santíssima*». Ao terminar a sua breve saudação, repetiu que se apresentava a todos «*para confessar a comum fé, esperança e confiança na Mãe de Cristo e da Igreja*».

Que significa confiar? Confiar é ter fé em alguém, é pôr-se nas mãos de quem se sabe que não nos defraudará. A confiança é o impulso instintivo do filho que busca sua mãe com a plena certeza do seu auxílio. Menos de um minuto tinham demorado as palavras de saudação do novo Papa e já duas vezes tinha referido, espontaneamente, a sua confiança na Santíssima Virgem.

Depois da eleição, veio-se a conhecer o seu escudo, ideado em 1958, quando foi nomeado Bispo. Não se tratava, certamente, duma composição sujeita às regras da heráldica. Apenas estava inspirado nos dois inseparáveis amores da sua vida: na Cruz de Cristo e no *M* de Maria, resumo da sua existência.

Com o andar do tempo, João Paulo II iria descobrindo pouco a pouco a sua «trajectória mariana», «*a especial ligação que me une à Mãe de Deus de forma sempre nova*»¹.

«*A 'primeira forma', a mais antiga, está ligada às visitas, durante a infância, à imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na igreja paroquial de Wadowice*»², sua cidade natal. Numa colina desta cidade, havia também um mosteiro carmelita. «*Os habitantes de Wadowice acorriam ali em grande número, o que acabava por se traduzir numa generalizada devoção ao escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Também eu o recebi – julgo que aos dez anos – e ainda agora o trago*»³.

Mas foi sobretudo no santuário de *Kalwaria Zebrzydowska* – «*próximo de Cracóvia e de Wadowice (...), pelo qual tenho grande carinho*»⁴ – onde o Papa encontrou Jesus e sua Mãe. Se há lugares em que a presença da Santíssima Virgem se sente de modo especial, *Kalwaria* é um deles: «*este santuário regional (aonde acorrem milha-*

¹ JOÃO PAULO II, *Cruzando el umbral de la esperanza*. Barcelona, 1994, p. 208. Em português: *Atravessar o limiar da esperança*. Lisboa: Ed. Temas de Actualidade, 1994.

² *Ibid.*

³ JOÃO PAULO II, *Don y Mistério*. Barcelona, 1997, p. 43. Em português: *Dom e Mistério*. Lisboa: Paulinas, 1996, p. 37.

⁴ JOÃO PAULO II, *No tengais miedo!* Barcelona, 1982, p. 132.

res de peregrinos cada ano) *tem uma particularidade – a de ser não apenas mariano, mas também profundamente cristocêntrico*⁵.

Kalwaria é fruto da fé de um homem do século XVII – o príncipe Mikolaj Zebrzydowski – o qual, movido pelo amor à Paixão de Cristo, quis reproduzir na sua terra, com a maior fidelidade, os lugares que Jesus santificou com a sua vida e morte na Cruz. No ano de 1600 começou-se a construção da capela da Crucificação do Senhor, na encosta do monte Zarek. Depois, usando uma maquete à escala trazida de Jerusalém, foram-se edificando outras, com o fim de fazer uma reconstituição completa de todos os lugares relacionados com a Paixão e Morte de Cristo. À medida que avançavam as obras (as «capelas» são verdadeiras igrejas para centenas de pessoas), foram mudando os nomes de alguns acidentes geográficos do lugar: o monte Zarek passou a chamar-se Gólgota; uma elevação próxima passou a ser o monte das Oliveiras; o riacho Skawinka foi denominado torrente Cedron...; etc.

À morte de Zebrzydowski, em 1620, o seu filho Jan e o seu neto Michael, herdeiros da sua fé, continuariam a obra, iniciando uma segunda série de capelas, dedicadas a momentos da vida de Maria. *Kalwaria* converteu-se assim num centro de peregrinações dedicado ao mesmo tempo à Paixão do Senhor e a sua Mãe Santíssima. É formado por 41 igrejas, capelas e outros lugares sagrados, escalonados num percurso de cerca de 8 quilómetros. Os dois itinerários – o do Filho e o de sua Mãe – discorrem em sentidos contrários, mas paralelos, como reflectindo a unidade de sentimentos dos seus corações durante toda a Paixão. O caminho de Cristo compreende 28 estações; o de Nossa Senhora abarca 24, das quais 11 são comuns às do caminho de Cristo. «O símbolo mais poderoso do carácter cristocêntrico da piedade mariana de *Kalwaria* é o cruzamento dos dois percursos numa das igrejas maiores do santuário, a capela da Asunção de Maria aos Céus. A sua situação e traçado antecipar-se-iam

⁵ *Cruzando el...*, p. 209.

aos ensinamentos do Concílio Vaticano II de que Maria, a primeira crente, é o primeiro fruto da obra redentora de Cristo»⁶.

Karol, o pai do futuro Papa, levou o seu filho pela primeira vez a *Kalwaria* um ano depois do falecimento da sua esposa, Emília, a 13 de Abril de 1929. Desde então, e sobretudo quando chegou a ser sacerdote e bispo, «*ia ali com frequência e percorria sozinho aqueles caminhos, apresentando na oração ao Senhor os diversos problemas da Igreja, sobretudo no difícil período que se vivia sob o comunismo*»⁷.

Além de *Kalwaria*, outro «lugar» de Maria que teve particular importância na trajectória mariana de João Paulo II foi o Santuário de *Jasna Gora*, com o seu ícone da Senhora Negra, «*desde há séculos venerada como rainha da Polónia. É um Santuário de toda a nação. Da sua Senhora e Rainha tem a nação polaca buscado durante séculos e continua a buscar o apoio e força para o renascimento espiritual*»⁸. Com efeito, desde que, em 1382, chegaram os monges de S. Paulo a *Czestokowa*, provenientes da Hungria, trazendo consigo o ícone da SS. Virgem, e o entronizaram numa pequena igreja edificada no Monte Claro (*Jasna Gora*), sobranceiro à cidade, a Mãe de Jesus ali venerada tornou-se a referência religiosa e patriótica da Polónia ao longo das vicissitudes da sua história.

A confiança de Karol Wojtyła em Maria forjou-se em lugares de oração e por meio de leituras. Durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto trabalhava como operário na fábrica Solvay, caiu-lhe nas mãos um livro que havia de ter grande influência na sua vida espiritual – *O Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, de S. Luís Maria Grignon de Monfort, escrito por volta de 1700. «*Recordo que andei com ele no bolso muito tempo, mesmo na fábrica, e que as suas belas capas se mancharam de cal. Relia uma e outra vez algumas*

⁶ G. WEIGEL, *Biografía de Juan Pablo II. Testigo de esperanza*. Barcelona, 1999, p. 51. Em português: *Testemunho de esperança. A biografia do Papa João Paulo II*. Lisboa: Bertrand, 2000.

⁷ *Dom y Mistério*, p. 45. Em português: *Dom e Mistério*.

⁸ *Cruzando el umbral*, p. 209. Em português: *Atravessar o limiar da esperança*.

passagens»⁹. Graças a esta obra «*compreendi que a verdadeira devoção à Mãe de Deus é, contudo, cristocêntrica, mais ainda, que está profundamente radicada no Mistério Trinitário de Deus e nos mistérios da Encarnação e da Redenção*»¹⁰. Karol Wojtyła, que «*estava já convencido de que Maria nos leva a Cristo*», naquele período começou a «*entender que também Cristo nos leva a sua Mãe*»¹¹.

«TOTUS TUUS», dizia a legenda do escudo que compôs ao ser nomeado bispo. A expressão procede de S. Luís Maria Grignon de Monfort. «*É a abreviatura da fórmula mais completa da consagração à Mãe de Deus que diz: 'Totus tuus ego sum et omnia mea tua sunt. Accipio Te in mea omnia. Praebe mihi cor Tuum Maria'*»¹²(Sou todo teu e todas as minhas coisas são tuas. Recebo-te a Ti em todas as minhas coisas. Recebe-me, Maria, no teu coração).

* * *

O novo Papa era *todo de Maria*, mas não o era só por devoção privada: «*não se trata só duma necessidade de coração, de uma inclinação sentimental, mas corresponde também à verdade objectiva sobre a Mãe de Deus*»¹³. Que verdade objectiva é essa?

Ao longo de séculos e até hoje, escritores e músicos, poetas, escultores e pintores, bispos, sacerdotes e fiéis, mulheres e homens, sábios teólogos e gente simples, exprimiram por suas obras e por meio de orações dedicadas a Maria a certeza de que a Mãe de Jesus é também nossa Mãe; e que, por consequência, cuida pessoalmente dos seus filhos e intercede junto de Deus a favor deles. O «título» que a credencia como *Mediadora* é a cooperação activíssima que prestou ao

⁹ *No tengais miedo!*, p. 130.

¹⁰ *Cruzando el umbral*, p. 207. Em português: *Atravessar o limiar da esperança*.

¹¹ *Don y misterio*, p. 43. Em português: *Dom e Mistério*.

¹² *Cruzando el umbral*, p. 208. Em português: *Atravessar o limiar da esperança*.

¹³ *Ibid.*

plano de Deus, gerando o seu Filho, dando-O à luz, alimentando-O, cuidando d' Ele e padecendo com Ele no auge da dor junto à Cruz até à sua morte.

É esta a *verdade objectiva* sobre a Santíssima Virgem, como sempre foi acreditada e ensinada na Igreja. O que acontece é que, durante mais de um quarto de século, João Paulo II aprofundou doutrinamente como ninguém nesta verdade e, com o seu exemplo de profunda piedade mariana, deixou à Igreja uma preciosa herança. O propósito destas páginas é abrir o cofre dos seus ensinamentos sobre a mediação maternal de Maria e expor essas jóias à consideração de todos.

Os Papas exercem a sua missão de ensinar por meio de documentos de diferentes classes: encíclicas, exortações e cartas apostólicas, discursos, alocações, catequeses, homilias, mensagens... João Paulo II, superlativo em tudo, escreveu 14 encíclicas, 15 exortações apostólicas, 11 constituições apostólicas e 45 cartas apostólicas; pronunciou inumeráveis homilias e discursos, mensagens e alocações; publicou cinco livros... Como manejar tamanha quantidade de documentação?

Na Constituição dogmática do Vaticano II, *Lumen gentium*, encontram-se as pistas a seguir para conhecer «a mente e a vontade» do Sucessor de Pedro e aderir a elas: é necessário, em primeiro lugar, atender à «*índole dos documentos*» (uma encíclica é mais importante que uma mensagem, por exemplo), reparando se se verifica neles uma «*frequente exposição da mesma doutrina*» e, por último, estudar «*o modo de se exprimir*» (n. 25), quer dizer, os seus realces, as suas ênfases, os recursos que revelam a sua intenção.

Estudando o magistério de João Paulo II à luz destas indicações, fui de assombro em assombro, ao advertir que todo o *seu pontificado* – nas suas dificuldades, esperanças e sucessos – está iluminado pela *mediação materna* da Santíssima Virgem. Graças a ela, explicada em todos os seus matizes, a Igreja dispõe dum recurso de incomparável valor para enfrentar os desafios do nosso tempo e dos tempos futuros.

O que importa nestas páginas são, naturalmente, as palavras do Papa. Elas têm de ser meditadas muitas vezes, as necessárias, para

chegar a ter *em* Maria e *por* Maria aquela confiança plena com que João Paulo II recorria à sua intercessão materna.

Na homilia do funeral de João Paulo II, a 8 de Abril de 2005, o cardeal Joseph Ratzinger despediu-o desta maneira inesquecível:

«O Santo Padre encontrou o reflexo mais puro da misericórdia de Deus na Mãe de Deus. Ele, que tinha perdido a sua mãe quando era muito jovem, passou a amar ainda mais a Mãe de Deus. Escutou as palavras do Senhor crucificado como se fossem dirigidas a ele pessoalmente: ‘Aqui tens a tua mãe!’ E fez como o discípulo predilecto: acolheu-a no íntimo do seu ser (*Jo* 19, 17) – *Totus tuus*. E da Mãe aprendeu a conformar-se com Cristo.

Nenhum de nós poderá esquecer como no último domingo de Páscoa da sua vida, o Santo Padre, marcado pelo sofrimento, assomou mais uma vez à janela do Palácio Apostólico Vaticano e deu a bênção *Urbi et Orbi* pela derradeira vez. Podemos estar seguros de que o nosso amado Papa está agora à janela da casa do Pai, nos vê e nos abençoa. Sim, bendiga-nos, Santo Padre! Confiamos a tua querida alma à Mãe de Deus, tua Mãe, que te guiou dia-a-dia e te guiará agora à glória eterna de seu Filho, Jesus Cristo, Senhor Nosso. Amén.

ÍNDICE

<i>Apresentação</i>	7
<i>Introdução</i>	25
I. A IGREJA, PROPRIEDADE DE MARIA	33
Mãe da Igreja	34
Com a Virgem de Guadalupe	36
Tudo por meio de Maria!	37
II. MISTÉRIO DO 13 DE MAIO	41
Dignidade da Mãe.....	41
Mãe de Misericórdia.....	43
Dom e mistério do 13 de Maio	45
III. NO CORAÇÃO DE MARIA	61
Em Fátima pela primeira vez	62
Um Ano Santo extraordinário	68
Em Roma e em todo o mundo	70
IV. SOFRER PARA QUÊ?.....	73
O espírito do Pai e do Filho.....	76
V. A MÁE DO REDENTOR	81
VI. A MÁE DE DEUS E O MISTÉRIO DA MULHER	89
Ao encontro da dignidade da mulher.....	91
Por uma cultura da vida.....	94
O «génio feminino», esperança do mundo.....	99
VII. PORQUE CAIU O COMUNISMO?	105
Poder da oração	109
A Virgem branca de Fátima	111
A Rússia converter-se-á	113
Maria e a unidade da Igreja	117

VIII. <i>DE MARIA NUNQUAM SATIS</i>	121
Governar a Igreja imitando Maria	122
Setenta lições sobre a Virgem Mãe.....	125
IX. A GRANDE FESTA DO ANO 2000	129
O segredo revelado	133
Vives por Ele e para Ele	137
X. O PROGRAMA DO NOVO MILÉNIO	141
Aprender a contemplar Jesus Cristo	144
Com Maria, cada dia na Cruz.....	147
XI. A ÚLTIMA PALAVRA	153
Em Lourdes, com o mundo às costas	154
A mediadora de Kazan.....	156
XII. UMA CONCLUSÃO ABERTA	161
Uma luz no caminho.....	163
Com dores de parto.....	168
<i>Epílogo. A «causa» de Cristo.....</i>	171
<i>Índice de documentos citados</i>	179
<i>Índice.....</i>	181